

ANÁLISE DO NÍVEL DE ESTRESSE DA EQUIPE DE ENFERMAGEM EM SERVIÇOS OBSTÉTRICOS

Elen de Souza Veríssimo

Larissa Mendes Jorge

Johnata da Cruz Matos

Profa. Dra. Thatianny Tanferri de Brito

Introdução

A assistência de enfermagem é uma atividade multifacetada que compreende demandas físicas e mentais, visto que envolve habilidades técnicas, de relacionamento interpessoal, pensamento crítico e tomada de decisão. No cenário materno-infantil não é diferente, visto que, a assistência de enfermagem obstétrica prevê uma assistência humanizada e qualificada, adaptada ao contexto de vida e necessidades de suas pacientes e envolve cuidados de baixa e alta complexidade. Essa complexidade, junto a ritmos intensos de trabalho, jornada prolongada, má remuneração, falta de materiais e de recursos humanos, caracterizam-se como agentes estressores para esses profissionais e podem prejudicar seu funcionamento cognitivo e psicossocial (BARBE; KIMBLE; RUBENSTEIN, 2018). Biologicamente, o estresse é uma reação geral adaptativa a diferentes estímulos do ambiente. Entretanto, o grau de resposta eliciada pelo estímulo estressor definirá se o evento será prejudicial ao indivíduo (VIEIRA; RUSSO, 2019). O estresse ocupacional ocorre quando a incapacidade do indivíduo em superar ou adaptar às exigências do ambiente de trabalho causa um desgaste anormal ao organismo, de forma a reduzir sua capacidade de trabalho (ZAVALLIS et al., 2019). Dessa forma, investigar o nível de estresse no trabalho no cenário de assistência obstétrica é importante para garantir uma assistência segura e qualificada às usuárias, bem como para contribuir na reformulação dos processos de trabalho, no dimensionamento do pessoal e na elaboração dos temas do ensino continuado, visando a melhoria do cuidado.

Objetivo

Analisar o nível de estresse no ambiente de trabalho percebido entre enfermeiros e técnicos/auxiliares de enfermagem que prestam assistência em serviços obstétricos, em um hospital público do Distrito Federal.

Método

Trata-se de um estudo observacional, transversal e analítico, realizado no Hospital Universitário de Brasília, Distrito Federal, com a equipe de enfermagem (auxiliares, técnicos e enfermeiros) da Unidade Materno-Infantil. Para fins do estudo, os profissionais foram divididos em duas categorias: enfermeiros, que incluem enfermeiros e enfermeiros obstétricos, e técnicos que reúnem auxiliares e técnicos de enfermagem. Participaram do estudo 86 profissionais. O instrumento de coleta de dados foi composto pelo perfil profissiográfico e a escala Job Stress Scale (JSS), que avalia o nível de estresse através da demanda psicológica,

controle sobre trabalho e apoio social. A coleta de dados foi realizada entre fevereiro e junho de 2020. Os dados foram analisados com o Software Estatístico Statistical Package for Social Sciences (SPSS®), versão 20.0, para obter média e desvio padrão para variáveis contínuas, frequência absoluta e relativa para variáveis categóricas. Para a comparação de médias utilizou-se o test t para amostras independentes, considerando estatisticamente significantes as diferenças com $p < 0,05$. Para a definição dos pontos de corte na classificação das variáveis de controle, demanda e apoio social, utilizou-se a média de pontuação de cada categoria, apresentando a seguinte correspondência: baixa demanda (≤ 9 pontos) ou alta demanda (≥ 10 pontos), baixo controle (≤ 11 pontos) ou alto controle (≥ 12 pontos) e baixo apoio social (≤ 12 pontos) ou alto apoio social (≥ 13 pontos). As correlações de demanda e controle foram utilizadas para compor os quadrantes Demanda-Controlle, que definem as condições de trabalho como Alto Desgaste ($\downarrow$ Controle, $\uparrow$ Demanda), Baixo Desgaste ($\uparrow$ Controle, $\downarrow$ Demanda), Trabalho Passivo ($\downarrow$ Controle, $\downarrow$ Demanda), Trabalho Ativo ($\uparrow$ Controle, $\uparrow$ Demanda).

Resultados

Participaram do estudo 86 profissionais da equipe de enfermagem, sendo 21 enfermeiros e 65 técnicos de enfermagem. Nas duas categorias profissionais foi predominante o sexo feminino, com uma representatividade 90% (N=19) entre enfermeiros e 94% (N=61) entre técnicos de enfermagem. O tempo de formação para enfermeiros variou de 2 a 32 anos, com média de 13,57 (DP=7,952), enquanto para os técnicos a variação foi de 3 a 28 anos, com média de 15,91 (DP=6,744). A experiência na área obstétrica variou de 2 a 30 anos, com média de 6,81 (DP=8,091) para enfermeiros e de menos de um a 25 anos, com média de 8,37 (DP=8,264) para técnicos. Quanto ao tempo de atuação na instituição, a amplitude de variação para as duas categorias profissionais esteve entre menos de um ano e 25 anos, sendo a média de 7,9 anos (DP=7,758) para enfermeiros e média de 8,5 anos (DP=7,581) para técnicos. Em relação às categorias Job Stress Scale, as questões referentes à demanda psicológica apresentaram média de 8,62 pontos (DP=0,727), com amplitude de variação entre 6 e 12 pontos para enfermeiros e média de 8,98 pontos (DP=0,757), com amplitude de variação entre 4 e 13 pontos para técnicos. Com predominância de baixa demanda para ambos: 67% enfermeiros e 60% técnicos. Quanto ao controle sobre o trabalho, verificou-se média de 10,05 pontos (DP=0,828), variando entre 6 e 13 pontos para enfermeiros e média de 10,97 pontos (DP=1,015), com amplitude de variação entre 6 e 17 pontos para técnicos. O baixo controle sobre o trabalho representou 76% e 63%, respectivamente, para enfermeiros e técnicos. Seguindo a tendência da demanda e do controle, 65% (N=42) dos técnicos e 71% (N=15) dos enfermeiros foram classificados como baixo apoio social. A pontuação média para enfermeiro foi de 12,32 (DP=0,72) pontos, com variação de 7 a 18 pontos e a média para técnicos foi 11,49 (DP=0,76), com variação de 3 a 17 pontos. Evidenciou-se uma diferença estatística significativa para os seguintes itens: “Com que frequência você tem que fazer suas tarefas de trabalho com muita rapidez?” ($p=0,03$), “Você pode escolher O QUE fazer no seu trabalho?” ($p=0,009$) e “No trabalho eu me relaciono bem com meus chefes” ($p=0,026$). A análise permitiu identificar que 38% (N=25) dos técnicos e 48% (N=10) dos enfermeiros estão em condições de Trabalho Passivo, 25% (N=16) dos técnicos e 29% (N=6) dos enfermeiros apresentam Alto Desgaste, 15% (N=10) dos técnicos e 5% (N=1) dos enfermeiros encontra-se

em Trabalho Ativo e 22% (N=14) dos técnicos e 19% (N=4) dos enfermeiros em Baixo Desgaste.

Conclusão

Diante do exposto foi possível identificar que apesar das duas categorias profissionais apresentarem baixas demandas psicológicas no trabalho, eles têm pouca autonomia para escolher quais atividades querem realizar em sua rotina. A condição de Trabalho Passivo associado ao baixo apoio social e o relacionamento interpessoal desfavorável entre a equipe, contribuem para tornar o ambiente de trabalho desagradável. A diferença de percepção sobre o estresse no ambiente de trabalho entre enfermeiros e técnicos de enfermagem esteve associada à realização das tarefas, à capacidade de escolher o serviço que o profissional deseja fazer e ao relacionamento interpessoal entre colegas de trabalho. O estudo apresenta indicadores relacionados ao processo de trabalho, que se configuram como fatores de risco para os trabalhadores e devem ser um dos focos da atenção dos gestores. Promover um ambiente saudável aos profissionais de saúde favorece a obtenção de bons resultados assistenciais.

Referências

BARBE, T.; KIMBLE, L. P.; RUBENSTEIN, C. Subjective cognitive complaints, psychosocial factors and nursing work function in nurses providing direct patient care. *Journal of Advanced Nursing*, v. 74, n. 4, p. 914–925, 1 abr. 2018. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/jan.13505>. Acesso em: 5 mar. 2020

VIEIRA, I.; RUSSO, J. A. Burnout e estresse: entre medicalização e psicologização. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 29, n. 2, p. e290206, 5 ago. 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010373312019000200604&script=sci_arttext. Acesso em: 5 mar. 2020

ZAVALLIS, A. et al. O nível de estresse dos enfermeiros na unidade de terapia intensiva. *Revista de Pesquisa: Cuidado e Fundamental*, v. 11, n. 1, p. 205–210, 2019. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/6958/pdf>. Acesso em: 5 mar. 2020